

KIERKEGAARD, Sören. *O Desespero Humano (Doença até a morte)*. Trad. Adolfo Casais Monteiro. P. 187 a 279 da coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1988.

No Prefácio de “O Desespero Humano (Doença até à Morte)”, Kierkegaard já diz o que a sua obra pretende evocar: “as palavras do médico à cabeceira do enfermo”. (p. 189, trad.) Ao contrário das “ciências imparciais”, “cujo pretense heroísmo sublime, bem longe de o ser, não é para o cristão mais do que uma espécie de desumana curiosidade” (Ibidem), esse autor considera que o papel principal do saber filosófico é “ousarmos ser nós próprios, ousarmos ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, só face a Deus, isolado na imensidade do seu esforço e da sua responsabilidade.” (Ibidem) Com essa palavras já podemos ter claro o projeto kierkegaardiano – permitir a salvação dos enfermos através da fala, das palavras, que libertem-nos de sua doença. Isto ao permitir que esses ousem ser si próprios, sós, isolados na imensidade de sua responsabilidade. O autor mostra que esse projeto é pertinente por ele mesmo, ou seja, ele não visaria “satisfazer uma humana curiosidade” (Ibidem), mas sim trazer uma fala capaz de mostrar o único caminho para a verdadeira edificação humana. Vale dizer que esse caminho é único simplesmente porque todas as falas que possam visar a essa edificação ou a verdadeira salvação só podem percorrer também o mesmo caminho, como deverá ficar claro ao longo de nossa exposição. Mas, vem logo à tona a questão: a que exatamente visa esse caminho? Do que ele pretende nos salvar? É realmente necessária essa salvação? Essas questões devem ser respondidas de imediato: o caminho de salvação sobre o qual fala Kierkegaard visa à descoberta do que cada um deve fazer de seu ‘si próprio’; esse caminho pretende nos salvar de uma doença chamada desespero, que, segundo o autor, acomete a todos, sem exceção; e, sim, essa salvação é necessária, tal como procuraremos mostrar a seguir.

Kierkegaard, na obra analisada, traz à tona a seguinte dialética: desespero é “a doença e não o remédio;” “morrer para o mundo é o remédio.” (p. 190) Ou seja: o autor compreende que todos nós somos desesperados e o único remédio para isso é morrer para o mundo. Kierkegaard interpreta que, enquanto desesperados, nós morremos aos poucos, e

enquanto cristãos, nós morremos de uma só vez, o que nos libertaria para sermos nós mesmos. Isso no seguinte sentido: vivemos no desespero justamente na medida em que buscamos aplacar esse desespero nos voltando para fora, para o mundo que incessantemente traz novidades. Ao seguir esse movimento “para fora”, nós somente aprofundamos cada vez mais o mesmo desespero. A única via de saída desse movimento é, então, morrer para o mundo. Mas, podemos perguntar: em que consiste exatamente essa morte? Nas palavras de Kierkegaard:

Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, (sendo de) costume dizer-se, enquanto há vida há esperança. Mas, para o cristão, *a morte* de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e força. (p. 191)

Isto é: a morte, na linguagem cristã do autor, consiste justamente em uma espécie de desfazer-se das requisições ordinárias, que nos tiram de nós mesmos. Morrer, nesse sentido, seria parar essas requisições. Isto porque enquanto estamos presos a essas requisições, elas podem mesmo parecer necessárias, constitutivas do nosso ser, quando, realmente, não o são. Vem ao caso a pergunta: como distinguir entre as requisições ordinárias e as que realmente se mostram como necessárias na vivência em comunidade? Kierkegaard é claro ao fazer essa distinção: tudo aquilo que corrobora com o desespero é ordinário. Aos olhos do cristão, “nada é uma doença mortal.” O autor, aqui, parece apontar para uma certa experiência: para aqueles que não a viveram, tudo é uma doença mortal, para quem passa por essa experiência “nada é uma doença mortal”. Isto é resumido na seguinte passagem:

“o homem natural pode enumerar à vontade tudo o que é horrível – e tudo esgotar, o cristão ri-se da soma, (...) o homem natural treme do que não é horrível (...), o cristão é o único que conhece a doença mortal e a lição horrível do cristão está em ter aprendido a conhecer a doença mortal.” (p. 192)

Vem, então, à tona as questões: como, se dá essa aprendizagem, que constitui o cristão? O que exatamente o cristão aprende que faz com que ele conheça a doença mortal mas não seja acometido por ela? É exatamente isso que Kierkegaard irá buscar esclarecer ao longo de sua obra. Para tanto, ele, antes, traz uma atenta análise a respeito do que constitui o ser humano, de tal modo a poder ser mostrado que o cristão estará a salvo da doença mortal simplesmente porque, ao seguir o exemplo de Cristo, ele passa a trazer consigo o remédio para a maior chaga que acossa a humanidade: o desespero.

O início do Livro I, Capítulo I, Kierkegaard traz, então, a sua definição do homem:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação *em si*, mas sim o seu *voltar-se* sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida.

O homem é a síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos. Sob este ponto-de-vista, o eu não existe ainda. (p. 195)

Alguém pode criticar essa parte do texto de hermetismo ou de ser contraditório. A essa crítica, responderíamos que Kierkegaard ousa aqui nada mais do que pensar uma definição de homem com vistas àquilo que ele vivencia em sua prática de pastor e com base na sua própria experiência, ou seja: essa definição surge com base na sua experiência vivencial e não com base em uma conceituação simplesmente abstrata. Nesse sentido, é importante tentarmos dar voz à própria obra antes de julgá-la com base em nossos preconceitos acadêmicos, como o próprio pensador adianta no Prefácio. Tentemos, então, escutar atentamente suas palavras: em resumo, ele diz que nós somos constituídos por um *voltar-se* para si próprio, que, por sua vez, atrai sobre si a junção de todas as categorias que, contraditória e simultaneamente, nos constitui -- infinito e finito, temporal e eterno, liberdade e necessidade. O autor diz ainda que, sob essa perspectiva, o eu sempre “não

existe ainda.” Com essas palavras, Kierkegaard tenta dar voz ao que mais genuinamente constituiria a cada um de nós, a saber: um *voltar-se*. A que exatamente corresponde esse *voltar-se*? Certamente a história da filosofia traz bons correlatos para esse movimento: *noesis* ou conhecer a si, *cogitare* ou pensar, *verstehen* ou compreender, mas procuremos não macular o texto com as interpretações vãs. Pensemos junto ao autor aqui interpretado -- ele diz que:

Numa relação entre dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação; se, ao contrário, a relação conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu. (Ibidem)

Isto é, Kierkegaard compreende que nós somos um *voltar-se*. Esse, por sua vez, não é nada mais do que um terceiro elemento, reunidor de outros dois -- finito e infinito, temporal e eterno, liberdade e necessidade. A esse *voltar-se*, dessa maneira reunidor, ele dá o nome de *eu*. Esse ‘eu’, contudo, sempre ainda não existe, ou seja, ele é propriamente o elemento transcendente que nos constitui. Ele não se dá simplesmente como algo já existente ou já constituído, mas, sempre, como algo, a vir a ser constituído. Segundo Kierkegaard, “daí provém que haja duas formas do verdadeiro desespero”: “a vontade desesperada de sermos nós próprios” (p. 197) e a vontade de não sermos nós próprios. Nessa perspectiva, à questão “de onde vem o desespero”, o autor responde:

Da relação que a síntese (a reunião) estabelece consigo própria, pois Deus, fazendo com que o homem fosse esta relação, como que o deixa escapar da sua mão, de modo que a relação depende de si própria (...) nela (então) jaz a responsabilidade da qual depende todo o desespero, (...) e dela depende os discursos e o engenho dos desesperados em enganarem-se e enganar os outros, considerando-o como uma infelicidade. (p. 198)

Ou seja: na medida em que o ser-humano é constituído senão pelo elemento transcendente, proliferam-se discursos engenhosos enunciando remédio para essa “vertigem” que nos constitui sem, contudo, remediar o problema; ao contrário, aprofundando a dor. Porque, afinal, esses discursos teriam esse caráter sedativo? A resposta é simples: porque, ao invés de trazer clareza ao *eu* acerca de sua própria constituição transcendente, esse discursos objetivariam sanar a dor colocando um algo no lugar, isto é, iludindo o *eu* insinuando que ele “de fato” seria constituído por algo em específico quando, na verdade, esse ele não seria constituído por nada senão a própria falta de ser “algo em específico”. Nesse sentido, a verdade conhecida pelo cristão é simplesmente essa: a respeito de nossa constituição transcendente, que não somos nada em específico, mas sim um movimento de vir a ser a partir do infinito e do finito, do eterno e do temporal. O problema é que, para enxergar essa verdade em sua radical necessidade, faz-se necessária levarmos à morte tudo aquilo que insiste em dizer que nós somos um algo “em específico”. É por isso que Kierkegaard assume como sendo o caminho próprio da salvação o aforismo socrático “Conhece-te a ti mesmo”. Esse conhecer é tanto o caminho da salvação quanto propriamente o elemento transcendente constitutivo de todos nós. Sendo constitutivo da essência humana, a transcendência acontece sempre, mas, no entanto, poucos são aqueles que conseguem estar sempre despertos para essa essência, devendo a filosofia, segundo Kierkegaard, sempre nos lembrar disso, como o único remédio para a doença, que pode levar a morte, chamada desespero.

Prof.^a Fabíola Menezes de Araújo (Colégio Pedro I I-Rio de Janeiro - RJ)
Orientador: Prof. Dr. Joel Birman (UFRJ)

Data de registro: 30/03/2009

Data de aceite: 07/05/2009